

Aidéticos podem ganhar mais 16 leitos

Se a proposta de Programa de Aids elaborada ontem no final do 1º Encontro de Aids no DF for aceita pelo secretário de Saúde, Valteno Ribeiro, a cidade, em 1989 vai ganhar mais 16 leitos hospitalares, além dos quatro já existentes no Hospital de Base, para a internação de aidéticos. "Como terceira localidade de maior incidência de Aids por milhão de habitantes no País, Brasília deve começar logo a estruturação de um atendimento cada vez mais requisitado pelos portadores do vírus", afirmou o infectologista Vladimir Queiroz, de São Paulo.

Ele lembra que, no momento atual, seja no Brasil ou no mundo, o número de infectados pelo vírus da Aids tende a aumentar, estimando que só no País existam de 150 a 500 mil habitantes contaminados, sendo que os estados de maior incidência são São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar da preocupação com os métodos de prevenção da doença, os especialistas convidados para participar do 1º Encontro de Aids no DF centraram seus trabalhos no sentido da elaboração de um plano de atendimento dos pacientes.

No campo do atendimento desses doentes, é fundamental reconhecer a resistência, ainda, de grande parte dos profissionais de saúde em assitir um portador do vírus da Aids. Para quebrar essa barreira, o Programa de Aids visa incentivar o treinamento dos profissionais, assegurando métodos eficazes de segurança que tranquilizem o servidor em relação a um possível contágio.

DESCENTRALIZAÇÃO

A descentralização do atendimento também fará parte do pro-

grama entregue ao secretário de Saúde, tanto a nível hospitalar como de Centro de Saúde. A Rede Hospitalar do DF foi bastante elogiada pelos 10 especialistas presentes ao encontro, vindos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia. Segundo Vladimir Queiroz, Brasília tem um sistema de atendimento hospitalar invejável, seja em relação ao número de unidades, leitos e serviços.

"A iniciativa de criação de um Programa de Aids, agora, quando o número comprovado de portadores do vírus não chega a 200, é brilhante, já que propicia, em tempo hábil, um atendimento racional aos pacientes", disse. O crescimento do número de infectados é considerado como um fator inevitável, cujo único freio é a campanha educativa de prevenção.

Falar em pesquisa de Aids no Brasil é um tanto quanto contraditório, tendo em vista que no País as verbas são escassas até mesmo para o atendimento dos seus doentes, sejam portadores do vírus da Aids ou não. De acordo com especialistas, essa pesquisa anda a passos lerdos e até o momento não apresentou qualquer notificação de avanços no setor.

A realidade brasileira permite aos especialistas em Aids, atuantes no momento, apenas o estudo de projetos educativos de prevenção, assim como a implantação de um sistema conveniente de assistência ao aidético, o que de certa forma começa a surtir efeitos, sobretudo no campo do contágio, através das transfusões de sangue. "Essa forma de transmissão está em declínio no País, graças ao controle maior dos hemobancos", afirmou um dos técnicos em Aids.